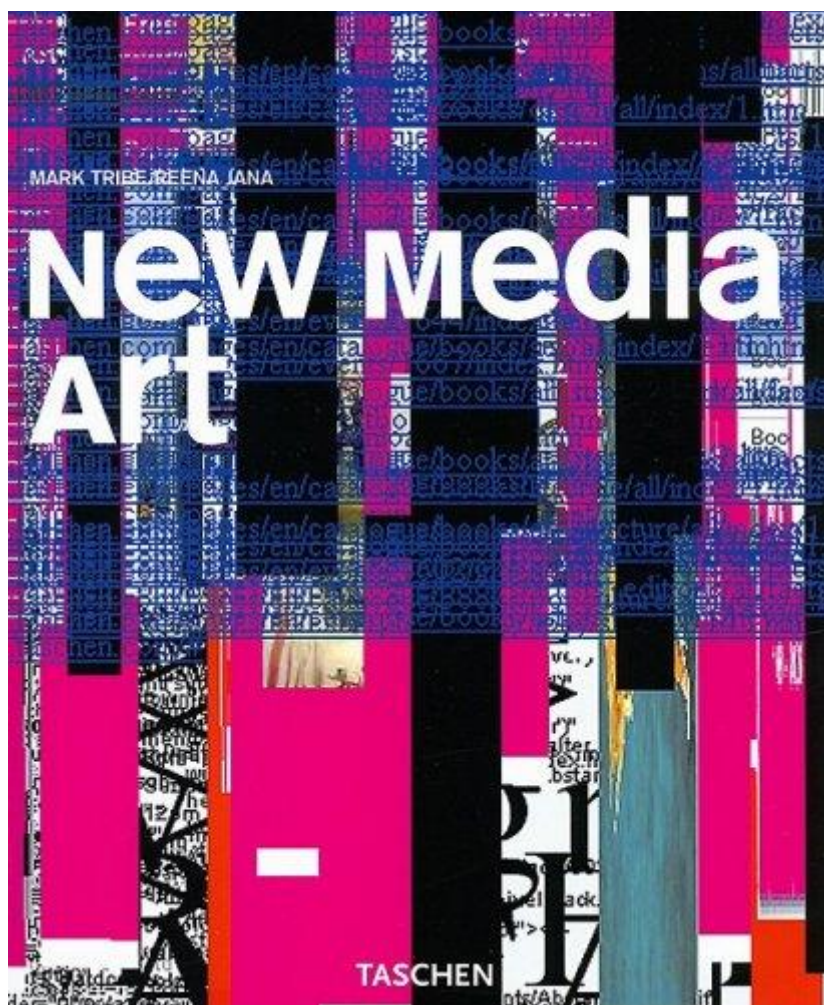


New Media Art

Ana Cláudia Martins

Universidade do Minho
aninhas.m@hotmail.com



RECENSÃO CRÍTICA

Pode dizer-se que vivemos, hoje, na era hipermoderna, descrita por Gilles Lipovetsky. Num tempo onde o tempo nos foge, num espaço onde o espaço se encurta, numa sociedade em que os cidadãos buscam o significado prático da palavra evolução. Nesta correria frenética pela “cultura do mais rápido e do sempre mais (...)” (Lipovetsky, 2011: 3), os media ocupam um lugar de destaque. “(...) os media desempenham um papel fundamental na vida social,

política e cultural das sociedades modernas e [têm] uma importância significativa na vida quotidiana dos cidadãos em geral (...)” (Pereira, 2000: 2). Como os indivíduos dispõem, cada vez mais, de um elevado acesso a conteúdos culturais e artísticos, através das tecnologias mediáticas, torna-se imprescindível refletir acerca das relações existentes entre esses meios, a arte e a cultura, na sociedade contemporânea.

New Media Art é um manual precioso para todos os apaixonados por arte digital e não só. Nesta obra, Tribe & Jana descrevem o conceito, os seus antecedentes criativos, a sua história e os seus princípios, ilustrando a sua linha de pensamento com uma diversidade de exemplos de obras e criadores deste movimento artístico contemporâneo. O livro encontra-se dividido, essencialmente, em duas partes: uma primeira intitulada “A arte na era da distribuição digital”, seguida de uma outra, que descreve as imensas criações artísticas de *New Media Art*, mencionadas durante a primeira parte do livro.

Mas afinal, o que se entende por *New Media Art*? “Nós definimos *New Media Art* como uma subdivisão de duas categorias maiores: a Arte e Tecnologia e a Media Art. Arte e Tecnologia refere-se às práticas, como a arte Eletrónica, a arte Robótica e a arte Genética, que envolvem tecnologias novas, mas que não se relacionam necessariamente com os media. A Media Art (arte dos media) incluiu Video Art, a arte da transmissão e os Filmes Experimentais (...)” (Tribe & Jana, 2007: 6/7). Por outras palavras, os projetos de *New Media Art* caracterizam-se pelo recurso às tecnologias mediáticas emergentes, com um acrescento de preocupações estéticas, culturais e políticas, dessas mesmas ferramentas.

Lançada em 2007, é imprescindível ter em consideração que esta obra já não se encontra convenientemente adequada aos dias de hoje. A velocidade delirante com que os meios de comunicação evoluem, impõe-se como um imenso desafio para os criadores de *New Media Art*. Além das constantes evoluções de *software* e de rede, novos dispositivos são introduzidos à velocidade da luz: as *tablets* ou os *smartphones* são, apenas, dois exemplos de ferramentas introduzidas no quotidiano social, desde então, que este livro, ainda, não aborda.

Historicamente, 1994 parece ter sido um ano central para a conceção deste movimento artístico. “(...) artistas, curadores e críticos começaram a utilizar o termo *New Media Art* para se referirem aos trabalhos – tal como as instalações multimédia interativas, ambientes

de realidade virtual e arte baseada na Net – que eram feitos utilizando a tecnologia digital” (Tribe & Jana, 2007: 6). Na época, muitos termos eram utilizados como sinónimos, tais como Arte Digital, Arte de Computador, Arte Multimédia ou Arte Interativa.

Segundo Tribe & Jana (2007), o verdadeiro motor de arranque da *New Media Art* aconteceu com o projeto Jodi.org (atualmente, <http://www.jodi.org/>), um *website* da autoria de uma coletividade artística, que brincavam com as imagens e com os *scripts* HTML. Contudo, “as raízes conceptuais e estéticas da *New Media Art* remontam à segunda década do século 20, quando o movimento Dada emergiu em várias cidades europeias” (Tribe & Jana, 2007: 7). À semelhança da reação *Dada* à industrialização do armamento de guerra e à reprodução mecânica do texto e das imagens, a *New Media Art* é encarada, segundo Tribe & Jana, como uma resposta à revolução tecnológica da informação e à digitalização das formas culturais. E foi uma ótima resposta, na minha opinião, uma vez que os artistas viram os novos media como uma oportunidade e transformaram-nos em motores e plataformas de criação artística. “A Pop Art é outro antecessor importante. Tal como as pinturas e as esculturas Pop, muitos trabalhos de *New Media Art* referem-se e estão ligados à cultura comercial” (Tribe & Jana, 2007: 8). De acordo com a obra, a Arte Concetual ou a Video Art foram, de igual forma, configurações artísticas precursoras da *New Media Art*. Porém, a solidificação do movimento parece ter ocorrido com o nascimento e consolidação da Internet. “Os artistas da *New Media Art* viram a Internet como os seus predecessores viram a câmara de vídeo portátil: como uma ferramenta artística acessível, que lhes permitia explorar a relação, em mudança, da tecnologia e da cultura” (Tribe & Jana, 2007: 9). Penso que a contextualização historicamente artística é muito pertinente, pois ajuda o leitor a perceber a *New Media Art* como um movimento artístico real, com antecedentes e princípios estruturados.

“(…) De 1994 até 1997, quando a Net Art foi incluída pela primeira vez na exposição documenta X, em Kassel, na Alemanha, a *New Media Art* esteve relativamente isolada em relação ao resto do mundo da arte.” (Tribe & Jana, 2007: 9). No entanto, a partir deste momento, a Internet tendeu, de forma crescente, a ser um palco privilegiado para a discussão, promoção e exposição de projetos de *New Media Art*. Este «amor à primeira vista» mutuamente sentido entre a *New Media Art* e a Internet tornou esta forma de expressão artística num movimento global. “A Internet possibilitou a formação de

comunidades sem entraves geográficos. A natureza internacional do movimento da New Media Art refletiu a natureza global do mundo da arte como um todo, tal como foi evidenciado pela proliferação, nos anos 1990, das exposições internacionais (...)” (Tribe & Jana, 2007:10). Com o advento da Internet, os próprios computadores transformaram-se em portas comunicativas e artísticas, uma vez que muitos criadores a encaravam como um novo cenário para intervir artisticamente. A Net Art adquiriu, rapidamente, muita popularidade entre a comunidade da New Media Art, pois era um meio economicamente muito acessível para os artistas. “Também o facto de o visitante ter a possibilidade de se envolver é atrativo para o artista na rede. Em suma. Trata-se de jogar com o conceito de interatividade, de gerar atitudes de atenção e participação” (Lieser, 2010: 110).

“Na New Media Art, a apropriação tornou-se tão comum que é quase tomada como certa” (Tribe & Jana, 2007: 13). Com o advento das novas tecnologias de comunicação, os artistas ganharam novas ferramentas, que permitem um fácil acesso a fontes de matéria-prima para as suas criações. A ideia romântica de criar algo a partir do zero foi, então, destronada pela New Media Art. Outro desígnio fomentado por este movimento é o de que de uma receção passiva, a New Media Art evoluiu em direção a uma participação ativa do público. De acordo com Prada (2008), “(...) muchos de los proyectos más interesantes que podemos identificar dentro del amplio grupo de las prácticas artísticas online están centrados en la promoción del dominio público” (Prada, 2008: 76). “Muitos artistas de New Media Art utilizaram a Internet como ferramenta para explorar a construção e a perceção da identidade” (Tribe & Jana, 2007: 19). Esta outra característica do movimento vai ao encontro do ideal pós-moderno de fragmentação, na medida em que na Internet podemos criar múltiplas identidades. Outro ponto positivo da obra é o realce explícito e cuidadoso das características e princípios, que definem o movimento.

Tribe & Jana afirmam, que muitos criadores de New Media Art começaram a procurar apoio institucional em exposições e museus. No entanto, muitos outros preferiam trabalhar fora da corrente principal do mundo da arte contemporânea, nomeadamente nas comunidades e instituições de Media Art e nos campos da Arte e Tecnologia, onde os seus trabalhos seriam mais amplamente compreendidos. “É claro que muitos artistas continuavam a trabalhar de forma independente, carregando na sua essência o espírito inicial do movimento New Media Art contra o sistema.” (Tribe & Jana, 2007: 23/24). Ao que parece, alguns “(...) artistas

estavam profundamente céticos em relação ao mercado da arte e à noção de comercializar a arte (...)” (Tribe & Jana, 2007: 24). Esta repulsa refletia uma descrença global no capitalismo económico. Contudo, há quem desvirtue este ideal não capitalista da New Media Art. Segundo Lopes, “New media art works don’t challenge the mind the way traditional works do. Given their seductive slickness and commercial ties, they manipulate us as consumers” (Lopes, 2010: 33/34). De acordo com este autor, as novas tecnologias mediáticas não estimulam a criatividade humana e, à semelhança de qualquer produto, os produtos de New Media Art visam, também, o lucro. Aqui, os autores espelham uma visão, talvez, um pouco idílica e ingénuo em relação ao mercado da New Media Art. É impossível contradizer a ideia de que a Arte é um mercado cada vez mais forte e que move milhões de euros em todo o mundo. Vejamos o exemplo das indústrias criativas, que se encontra tão em voga atualmente. Tal como a cultura e a arte em geral, também os criadores de New Media Art têm como objetivo lucrar alguns milhares de euros com o seu trabalho.

De uma forma geral, a New Media Art emergiu, de acordo com a linha de pensamento dos autores, como um desafio para as galerias e museus. “Devido à frequente natureza imaterial e à sua dependência do equipamento e do *software*, que rapidamente se torna obsoleto, a New Media Art é particularmente difícil de preservar” (Tribe & Jana, 2007: 24). No entanto, os autores referem que muitas estratégias de preservação se têm vindo a desenvolver, tais como documentação (e.g., fotografando as páginas dos sites na Net), migração (e.g., substituindo os tags de HTML obsoletos por outros atualizados), imitação (e.g., software que simula o hardware obsoleto) e recriação (e.g., reproduzindo o velho trabalho usando nova tecnologia)” (Tribe & Jana, 2007: 25). A enunciação destes desafios que se impõem à New Media Art constitui, igualmente, uma virtude da obra de Tribe & Jana.

Em suma, considero que esta obra nos informa convenientemente acerca do tema e toca aspetos estudados por outros autores, mas de uma forma sintetizada e integrada, recorrendo a uma linguagem acessível, mas complexa para um leitor não informado. Apesar de se verificarem algumas repetições dos mesmos pensamentos teóricos dos autores, (nomeadamente acerca das potencialidades da *internet*), New Media Art dá-nos a conhecer o contexto histórico do movimento e a sua evolução até à data de lançamento do livro. Contudo, com esta obra apercebemo-nos de que não são as tecnologias que definem a New Media Art, mas sim os usos e as finalidades que com elas os criadores conseguem obter.

Referências Bibliográficas

Lieser, W. (2010) *Arte Digital: Novos Caminhos na Arte*, Potsdam: h.f.ullman.

Lipovetsky, G. & Charles, S. (2011) *Os Tempos Hipermodernos*, Lisboa: Edições 70.

Lopes, D. M. *A Philosophy of Computer Art*, Londres: Routledge.

Pereira, S. (2000) 'A Educação para os Media Hoje: Alguns Princípios Fundamentais', *Cadernos do Noroeste. Série de Comunicação*, 14: 1-2.

Prada, J. M. (2008) 'La Creatividad de la Multitud Conectada y el Sentido del Arte en el Contexto de la Web 2.0', *Estudios Visuales*, 5: 66-79.

Shanken, E. A. (2008) *Art and Eletronic Media*, Londres: Phaidon.

Tribe, M. & Jana, J. (2007) *New Media Art*, Köln: Taschen.